

RESUMO: Este artigo consiste em uma reflexão sobre o entrecruzamento de símbolos lingüísticos e não-lingüísticos que ocorre na região fronteira do Mato Grosso do Sul, que formam uma linguagem construída na diversidade lingüística, cultural e étnica que caracteriza a região e que representa, segundo os educadores, um complicador no processo de letramento. O fracasso do letramento decorre do entendimento que os educadores têm do processo como sendo um processo apenas lingüístico e cognitivo, minimizando os conflitos sociais e outros fatores sócio-político-econômicos que devem ser levados em conta na elaboração e execução de projetos de letramento.

ABSTRACT: This article consists of a reflection on the crossing of linguistics and non-linguistics symbols that takes place in the bordering line region of Mato Grosso do Sul, forming a language constructed in the linguistic, cultural and ethnical that characterize the region e that represents, according to the educator, hinder in the literacy process. The failure of the process is due to the understanding that the educator have on the literacy process, as being a process that involves only linguistics and cognitive problems, not considering social conflicts and other determining social, political and economical factors in the elaboration and doing of literacy projects.

1. Introdução

Este trabalho é uma reflexão sobre a construção da linguagem em um lugar multicultural e as implicações que essa linguagem, construída na diversidade, acarreta no processo de letramento na região fronteira do Mato Grosso do Sul com o Paraguai. As reflexões aqui desenvolvidas objetivam chamar a atenção de educadores e especialistas em linguagem que atuam nessa região para a complexidade dessa linguagem e para a necessidade de reconhecê-la enquanto construção histórica que deve estar presente no âmbito da escola. Além desse reconhecimento, faz-se necessário utilizar conceitos e métodos de pesquisa de diferentes áreas do conhecimento para compreender o fenômeno em questão, uma vez que se trata de um fenômeno complexo construído no embate dos diferentes. O fenômeno acima mencionado, detectado por pesquisas etnográficas, é refletido neste trabalho a partir de Dioniso, deus grego, como metáfora e síntese da diversidade. Para tanto, recorreram-se às análises de Nietzsche e Kenéryi (20002) sobre Dioniso para se pensar a diversidade na região fronteira sul-mato-grossense. Essa diversidade também foi pensada a partir da teoria desenvolvida por teóricos como Foucault (2002), Bhabha (1998), Bourdieu (2004), Certeau (1998), Deleuze (1995), Bauman (1990), Bakthin (2004), Derrida (1997), Freire (2002), Baudrillard (1990) e Dixon (1997). A linguagem multissimbolizada, denominada neste trabalho linguagem-diversidade, tem sido construída por atores sociais filiados a diferentes identidades e que se apresenta, sobretudo para os educadores da fronteira, como algo espúrio, uma miscelânea de símbolos que atrapalha o aprendizado da língua formal. Postulo que essa visão decorre da escassez de trabalhos que dêem um olhar multidisciplinar a esse fenômeno complexo e à aplicação de modelos analíticos estruturalistas que não dão conta de compreender a complexidade do embate entre as línguas e as culturas. Essas decorrem do processo de trocas simbólicas e de lutas sociais na região de fronteira. Fronteira entendida como um entre-lugar, espaço no qual circulam símbolos e se constrói uma cultura híbrida, resultado de um complexo entrelaçamento de jogos de poder, de símbolos, de modos de ser que remetem ao mito de Dioniso. As reflexões realizadas neste trabalho decorrem de pesquisas etnográficas, o que envolveu pesquisa participativa em observações em salas de aulas, entrevistas com alunos e professores brasileiros, paraguaios e indígenas, participação em debates sobre o assunto e capacitação de professores do ensino fundamental e médio. Foram analisados também planos de ensino e planos de curso bem como material escrito, produzido por indígenas Kaiowá. Por fim, foram utilizadas informações coletadas em uma pesquisa etnográfica com atores sociais que vivem na fronteira sobre a utilização da linguagem e a construção da identidade na fronteira. Neste trabalho, objetiva-se apenas delinear o problema e fazer algumas reflexões a partir da seguinte hipótese: O processo de letramento é realizado a partir de modelos lingüísticos e cognitivos que não levam em consideração a diversidade cultural da região fronteira entre Brasil e Paraguai.

2. Apresentação e reflexão sobre o fenômeno

As escolas públicas sul-mato-grossenses, sobretudo aquelas mais próximas à fronteira, a despeito das diferenças entre elas, se mostram por uma linguagem, um modo de dizer que as atravessa. Essa linguagem se desdobra em linguagens, guardando as especificidades de cada escola, enquanto campos de batalhas, nos quais feixes de relações (Foucault, 2002) desenham quadros únicos, batalhas únicas, entre atores sociais das mais diversas identidades que se conflitam, se esbarram, se admitem e se excluem, mas se acomodam sob a mesma linguagem-diversidade, linho fino, que os unem. Esses atores sociais formam o conjunto daqueles que se opõe e que resistem à linguagem oficial, pedagógica, gramatical e paragramaticalmente instituída, moldada segundo o logocentrismo greco-romano, cuja base é o raciocínio silogístico. Por meio dessa linguagem oficial se propõe o letramento, por meio da qual se prega a uniformização, a higienização etiquetada, o branqueamento da cultura (Baudrillard, 1990), a formatação estreita e perfeita para os encaixes da vida social capitalista. A diversidade, nesse projeto, é apenas um complicador, e como tal deve ser desfeita, ignorada e negada. A linguagem-diversidade é manifestação da miscelânea e a própria miscelânea, construída nos encontros entre mundo e ser (Bakhtin, 2003), nos confrontos entre sendo humanos (Freire, 2002), forjadores de símbolos que, a um só tempo, exprimem, oprimem, reprimem, explicam, complicam, assentem, negam, combatem, ferem e ambíguos e ambivalentes se juntam, como fios diferentes, se emaranham e embaraçam aqueles que se pensam manipuladores lógicos de símbolos lógicos. O fio da meada, entrelaçado nas artimanhas, é trama, é drama, tragédia, comédia, notícia, ficção, constituição do real que não se desenovela para aqueles que ignoram a História. A linguagem-diversidade é estranha (Bauman, 1998) ao discurso pedagógico, à linguagem oficial, e por ser estranha tem sido banida das escolas de maneiras mais diversas, o que faz a diversidade ficar ainda mais diversa, posto que é estratégia de luta, construída justamente como enfrentamento à negação. Mas, a estranha exige ser aceita, tomou assento, depois de ter entrado no “olimpico-escola” pela brecha pseudo-democrática aberta pelo discurso politiquês e redentor dos desvalidos. A diversidade é matéria que nutre a linguagem, instrumento de luta, da qual se fazem textos buliçosos e fluidos que lembram o mito de Diníonso, como metáfora e síntese da diversidade, pensada por Nietzsche, não para simplesmente contrapô-la a Apolo ou a Sócrates, ou seja, dicotomizar racional e emocional, mas para ressaltar o poder da vida enquanto experiência, enquanto força cósmica imante, enredadora de procissões, de textos vivos tecidos no movimento. Kerényi (2002) vê na metáfora de Dionísio a manifestação da vida enquanto zoe, vida de todos os viventes, entrelaçada numa pansimbiose dos diferentes. O texto dionisiaco é tessitura complexa que fala das relações entre seres sem fronteiras nítidas, um todo composto por tudo, uma pandiversidade que põe em cena o numinoso, o encanto a percepção aberta à experiência na ebulição do estar vivo. A vida se justifica pela própria vida, pela luta de manter-se vivo, de fazer-se de diferentes e a partir do diferente. E é essa força que determina o caminho, a história, e não regras apriorísticas, engendrada nas salas das academias, a pré-programação. A lógica da diversidade é a da vida multideterminada por pulsões, comichões, impulsos, medos, amores, vontades de verdades, de mentiras, o que implica na negação de comportamentos austeros, de rotinas exageradas, de limpezas absolutas, de contas exatas. A dionisação é um fenômeno que se inscreve no corpo e faz dele objeto e símbolo que se completa com outros símbolos em uma sintaxe solta. O desfile de corpos nas escolas da fronteira guarda semelhanças aos movimento-textos dionisiacos e lembram as procissões da euforia que se arrastavam pela Grécia antiga. Na região fronteira, entre Brasil e Paraguai, a presença, principalmente, de paraguaios, indígenas, brasileiros, brasiguaios e parabrasis¹ forma um mosaico sócio-político-econômico-cultural que se estende até as salas de aula da fronteira, e a estes se juntam os deficientes físicos, visuais e auditivos, aumentando a complexidade da linguagem-diversidade. As partes desse mosaico multicolorido apresentam-se ali com as nuances de suas diferenças, em um texto multisimbolizado, irreduzível aos educadores, educados na tradição logocêntrica. Estes têm lidado com essa diversidade, porém munidos de conceitos e procedimentos didático-pedagógico-científicos, de esquemas de leitura e modelos de cognição que não dão conta de desatar o nó górdio em que se tornou o entrelaçamento das diferenças. Compreender essa linguagem multideterminada passou a ser um desafio; no entanto, por hora, a questão encontra-se não apenas aberta, mas escancarada. A diversidade não é apenas manifestação, posto que já é luta contra a razão pedagógica que exclui essa linguagem, que não leva em conta a história dos “vencidos”, e que finge a inclusão dos “feios”, dos homossexuais, dos deficientes, dos índios, dos negros, da pobreza. A presença da diversidade força a ampliação dos limites dessa razão silogística superficial e provoca medo, pois se coloca como invariável incontrolada, como estranho, como algo inominado (Bauman, 1998). Mas, não basta

¹ Paraguaio que vive no Brasil ou nas cidades da fronteira do lado paraguaio, mas que convive constantemente com brasileiros e com a cultura brasileira.

identificar o texto dos diferentes como um todo, um *continuum* amorfo e fluido, uma identidade única, uma marcha contra a cultura hegemônica, como um conjunto homogêneo do outro. Há subdivisões nesse mundo de “dionisos”, há diferenças a ser aprendidas, há uma mensagem a ler lida. E essa leitura exige mais que esquemas estruturais analíticos. Esse texto é da ordem da “desordem”, da polissemia, da ambigüidade e até mesmo da não-comunicação. Essa “pulessemia”, essa “ambiguandade” não cabe em estruturas prontas, e feito átomo quântico se multiplica em possibilidades. Mas, nem por isso, não se presta à análise, ao uso no processo de letramento, ao contrário, é desafio que requer olhar agudo, multireferencial e etnográfico, em outras palavras, tem uma inteligibilidade que precisa ser levada em conta. Nessa perspectiva, a análise deve abandonar a estruturas prontas, as premissas pseudo-axiomáticas incapazes de desfazer deduções aligeiradas: *Todo índio é vagabundo. Fulano é índio, logo é vagabundo. Quanto mais pobre mais burro. Aqui todo mundo é igual. Este não passará de cortador de cana.* Posicionamento que ignora a diversidade, como conjunto de diversas maneiras de aprender, conjuntos diversos de valores (Bourdieu, 2004) que negam a diglossia enquanto fenômeno de construção de sentido, que vêem a diversidade como resíduos a serem apagados. É preciso compreender está linguagem como luta que se faz de movimentos rápidos, de liberação de forças que lutam para manter a vida, provocando colisões e movimentos e que são já expressões de si sem mediações elaboradas e tratadas em palavras e ícones, posto que são táticas na construção do sentido, vida, que serve para o imediato, para um presente urgente. A entrega a essa força escreve traços bioritmados, lógicas diferenciadas. Os símbolos, além do próprio corpo, podem ser qualquer coisa que reflita essas condições de ser dionísio, de ser movimento, improviso, limite, encontro de contrários, resistência, feixes de relações que escrevem a arte de um mundo entrelaçado, uma pansimbiose. Kerényi dá algumas pistas para ler o texto dionisíaco pós-moderno que se instala nas escolas da fronteira. Ao falar de Dioniso, descreve a vida como *zoe*, vida de todos em interdependência, diria em relação de alteridade, inclusive com o transcendente, que ecoa nas músicas, nas pinturas, nas danças, melhor na contradança entre homens e deuses, animais e plantas. A vida enquanto movimento, fermentação, tessitura de diferentes, encontros que levam à epifania. E é essa a ordem do dia nas escolas: a epifania de cada dia. Mas nos processos de letramento não há lugar para a contradança e para a alegria, nem para as línguas mães feitas em casas, casabres, ogas² que se entrelaçam e que se oferecem no banquete da diglossia das escolas da fronteira. Línguas mães que se misturam no embate dialético das trocas simbólicas (Bourdieu, 2004) e das batalhas entre as línguas na eterna busca do sentido, línguas que se misturam e que acomodam sintaxes, morfologias, semânticas, mânticas, ortografias que se mostram nos grafites, nos panfletos, nas cartas, nos discursos reivindicatório, no desejo de estar juntos, na efervescência da vida, na fermentação que liga amor e ódio, vida e morte, céu e inferno, masculino e feminino. *Ejagua petei celular e egana uno regalo. Jaha jaitudia. Jaha. Che patron*³. Línguas que se misturam, mas que não fazem parte do letramento, um letramento que significa muito mais que materializar sons em letras, mas um letramento que fale do mundo, das lutas no mundo e das diferenças. Um letramento que leve em conta as rupturas e as lutas do processo histórico, lutas que tem expressão na síntese da figura de Dioniso, enquanto metáfora histórica do conjunto dos diferentes. Dessa história, na escola, sabe-se muito pouco, pois se preferiu a história filosofada, contada a partir de Platão, que não hesitou em expulsar Dionísio da vida acadêmica. Nas escolas, a história se repete e há muitos “platões” de plantão, munidos de teorias prontas para execrar os diferentes, os agramáticos, os sem razão, ainda que sutilmente, por meio de táticas novas (Certeau, 2000) que até mesmo o velho Platão desconhecia. Eis a primeira lição, o movimento que gera a linguagem e é a própria linguagem deve ser compreendido como legítimo, ritmo que se cria nos embate, pelo desejo de ser visto, ser notado, considerado digno, ritmo multideterminado e sócio-históricamente construído. Esse texto só pode ser compreendido no exercício da etnografia diária, cuja regra precípua é o respeito pelo outro. Os corpos e os símbolos ambíguos formam um texto-cultura multissimbolizado que precisa ser compreendido como manifestação de construção da vida. O sentido quente jogado na história requer um trabalho multidisciplinar que parta das estruturas profundas, bases de toda a linguagem, mas antes de tudo, esse texto precisa ser reconhecido. Essa linguagem não se faz somente de signos lingüísticos, mas de tantos outros icônicos e corpóreos, linguagem encarnada, culto ao corpo que gera bioidentidades a partir de movimentos corpóreos, gestos, piscadelas, trejeitos que entram em cena e acenam com sentido. O corpo cruzado de paixões é ícone contorcido, moldado na história que fala por si só, buscando identidades que lhes definam e que lhes abriguem, e que lhes possibilite o direito à alteridade, um ato de manter-se vivo. O corpo é um dos filigranas da obra linguagem em eterna construção. Mas, essa dionisação pós-moderna ocorre por meio dos mais diversos critérios de biossocialização que agrupam seres

² Oga, casa em guarani.

³ Compre um celular e ganhe um presente. Vamos estudar. Meu patrão, meu chefe. Sentenças que revelam a mistura das línguas faladas na fronteira.

negativamente discriminados. Surgem táticas que criam e recriam linguagem que longe de querer expressar a pureza de um raciocínio, escamoteiam e ambigüizam (Derrida, 1997) a realidade multifacetada. Porém, os atores da periferia fronteiriça praticam a biossocialização na carência e moldam seus corpos no trabalho, no vício, na escassez de espaço. Modelam seu corpo-linguagem na luta, e mantém a *bio* perto do esgoto, na negociação dos corpos, no travestimento rudimentar. Suas roupas imitam grosseiramente as *barbies* rosadas da televisão e outdoors, antropofagizam símbolos e se globalizam pelo *fake* que os faz pertencer à aldeia global. Convivem com a espreita da morte, do olhar dos donos do tráfico, do explorador da força de trabalho, tudo em nome da vida, do desejo de pertença, da força da eticidade. A “miserossociabilidade” cria um agrupamento que cultua corpos mutilados, desnutridos, anorexias forçadas, que se mostram na resistência e que exige ser notada, que se constrói a partir do discurso que a nega. Essa é a tese do texto que não se capta com leituras superficiais, nem com raciocínios silogísticos construídos a partir de axiomas inquestionados. Sem querer negar o valor da razão greco-romana, mas querendo dizer que um dos entraves que dificulta o diálogo entre a linguagem-diversidade e a linguagem-oficial pedagógica repousa no uso excessivo do verbo ser em proposições acomodadas em silogismos que são memorizados à exaustão. Cumpre o que Deleuze (1995) chama de axiomatização, grande arma do capitalismo: *máquina de gerar axiomas e expô-los a vendagem e ao consumo*. A estrutura pedagógica e o modelo gramatical analítico pronto e acabado continuam os mesmos há décadas, prontos para serem aplicados a qualquer realidade. Continuam pondo em ação uma fórmula pedagógica, uma formatação do pensar que se arroga o direito de ser a única, ignorando outras maneiras de perceber, pensar e representar, prestando-se, dessa maneira, mais à dominação e à exclusão do que ao desenvolvimento das potencialidades humanas. A metáfora de Dionísio serve para a reflexão pedagógica, pois remete, não apenas a uma constatação que a diversidade está presente, mas que se deve pensar o ser humano como ele é, e não como ele deveria ser segundo alguns pontos de vista. Pensar em Dionísio é considerar o mito, a metáfora como formas diferentes de sentir, pensar e representar o mundo, é considerar o pensamento analógico, as expressões orais a falta de rigor, a agramaticidade, as diversas máscaras de deuses que desfilam pelas escolas da fronteira sul-mato-grossense, as musicalidades, as sexualidades, as deficiências, os tempos, os odores, as poesias, as heresias, as psicologias, as drogas, os símbolos, as tribos, os etnocentrismos, as danças, as mortes, mas também as faltas de comidas, de pais, de mães, de maus-tratos, de terras, enfim. Dionísio encerra todas as variáveis que escapam a algumas análises estruturalistas. Mas, mesmo a metáfora de Dionísio não encerra a diversidade da linguagem que chega às escolas da fronteira, que nos últimos anos passou ser ainda mais diversa ao entrelaçar linguagens forçadas por deficientes auditivos, mentais e físicos. Assim, braile, libras, guarani, português, espanhol, inglês gestos mil, cores variadas, olhares, enfim, fazem um espetáculo. Dionísio é a representação da afronta ao Olimpo, o mundo certo e acabado de deuses idealmente fabricados. Dionísio é afronta e aponta para o mundo e para a contradição. Aponta para o homem como ele é. Afronta ao logocentrismo, vigilante da forma do bem falar erigido sob bases dicotômicas: natureza x cultura, patologia x saúde, bem x mal, categorias que não comportam a ambigüidade de Dioniso. A linguagem-diversidade da fronteira também é uma afronta aos defensores da linguagem oficial, armados de gramáticas e de leis lingüísticas afiadas que atacam os ‘dionisos’ da fronteira. Estes revidam em estratégias conscientes e inconscientes. Ao negar a história a conjuntura sócio-política-econômica, os defensores da linguagem oficial, ignoram a força do estar juntos na eterna caça ao sentido, do espetáculo da mobilidade da luta, negando a diversidade. A caneta marca o erro, reforça a atitude de colonizador, estabelece um grau de inferioridade na escala da evolução, desestimula o balé dos símbolos, promove análises superficiais, justificadas pelas mais finas teorias. Lançam ao limbo tudo o que não cabe nos modelos teóricos com os quais pensam o mundo e acabam deixando claro que quem não sabe escrever nem ler à moda logocentrista não pode pertencer ao mundo “civilizado”.

3. Considerações finais

Pode-se concluir a partir das reflexões realizadas acima que o projeto de letramento realizado na fronteira não leva em consideração a diversidade cultural da fronteira, impondo a essa diversidade um modelo cognitivo e lingüístico. Conclui-se, ainda, que fatores sócio-econômicos, são minimizados enquanto fatores determinantes no processo de letramento. Por fim, conclui-se que trata-se de um fenômeno complexo que deve ser compreendido por educadores e pesquisadores da fronteira por meio de um olhar etnográfico e multidisciplinar para que se possa elaborar projetos alternativos de letramento que possibilitem a inclusão de formas de pensar, representar e agir no mundo.

4. Referencias bibliográficas

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro. Forense Universitária 2000.

BAKHTIN, Michael. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar 1998.

BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos extremos*. Trad. Estela dos Santos Abreu- Campinas- SP: Papirus, 1990.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas; introdução, organização e seleção Sergio Miceli* 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

DELEUZE; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed 34, 1995.

DERRIDA, Jacques. *A Farmácia de Platão*. Trad. Rogério Costa 2ª ed. São Paulo: Iluminuras, 1997.

DIXON, R.M.W. *The rise and fall of languages*. Cambridge University Press, 1997.

FREIRE, Paulo, *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos* 10 ed. São Paulo – Paz e Terra, 2002.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Trad; Luiz Felipe Baeta Neves. 6ª ed.- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

KERÉNYI, Carl. *Dionísio: Imagem arquetípica da vida indestrutível*. São Paulo: Odysseus, 2002.

<http://www.mundodosfilosofos.com.br/nietzsche.htm>